

Fundamentos da oração pelos mortos segundo 2 Timóteo 1,15-18*

Foundations of Prayer for the Dead According to 2 Timothy 1:15-18

Fundamentos de la oración por los difuntos según 2 Timoteo 1,15-18

Waldecir Gonzaga **

Yure Alves de Souza †



Fecha de recepción: 04 de junio de 2025

Fecha de aprobación: 7 de julio de 2025

Citar como: Gonzaga, W., & de Souza, Y. A. . (2025). Fundamentos de la oración por los difuntos según 2 Timoteo 1,15-18. *Revista Albertus Magnus*, 16(2), 49-66. <https://doi.org/10.15332/25005413.11325>

Resumo

Neste estudo, analisa-se a fundamentação teológica paulina da oração pelos falecidos à luz de 2Timóreo 1,15-18. Nessa perícope, o “Apóstolo dos gentios” (Rm 11,13; 1Tm 2,7) destaca a fidelidade de Onesíforo, apresentando-o como modelo para o jovem Timóteo. Além disso, observa-se uma significativa súplica de Paulo a Deus em favor de seu antigo companheiro de missão, o que indica uma crença na retribuição divina àqueles que serviram e apoiaram o ministério cristão. Investiga também a dimensão escatológica implícita nessa oração paulina e sua relação com a tradição da Igreja primitiva, ressaltando a compreensão de uma justa recompensa concedida pelo Senhor àqueles que perseveraram na fé, no auxílio aos necessitados e no serviço aos irmãos. São destacados os principais aspectos teológicos do texto, bem como os pontos debatidos pela crítica textual. Discutem-se os princípios culturais e históricos, tanto pagãos quanto judaicos, que influenciaram a compreensão cristã da vida após a morte. Considerando as consequências das atitudes individuais ao longo da vida, examinam-se dois textos bíblicos relevantes para a fundamentação das práticas em favor dos falecidos: 2 Macabeus 12,43-45 e Lucas 16,19-31. Esses textos ampliam a compreensão judaica apresentada no Antigo Testamento e introduzem a perspectiva paulina sobre a importância de interceder por aqueles que passaram pela morte. Por fim, analisa-se a perícope central deste estudo, abordando a oração presente em 2Timóteo 1,15-18 e o testemunho cristão de Onesíforo, marcado por sua fidelidade ao apóstolo em vida. Essa fidelidade motiva a súplica de Paulo para que, no dia do juízo, seu amigo receba a recompensa dos justos.

* Artigo de reflexão

**Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil. Correio: waldecir@hotmail.com. ORCID: 0000-0001-5929-382X.

†Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil. Correio: yurealves@hotmail.com. ORCID: 0009-0000-8382-5945.

Palavras-chave:

2Timóteo, oração, mortos, Paulo, Onesíforo, Timóteo.

Abstract

This study analyzes the Pauline theological foundation of the prayer for the deceased, considering 2Timothy 1:15-18. In this pericope, the “Apostle to the Gentiles” (Rom 11:13; 1Tim 2:7) highlights the faithfulness of Onesiphorus, presenting him as a model for the young Timothy. Furthermore, a significant supplication from Paul to God on behalf of his former missionary companion is observed, indicating a belief in divine recompense for those who served and supported the Christian ministry. This paper also investigates the eschatological dimension implicit in this Pauline prayer and its relation to the tradition of the early Church, emphasizing the understanding of a just reward granted by the Lord to those who persevere in faith, assist the needy, and serve their brothers and sisters. Its highlights the main theological aspects of the text, as well as issues discussed by textual criticism. Discusses cultural and historical principles, both pagan and Jewish, that influenced the Christian understanding of life after death. Considering the consequences of individual actions throughout life, this study examines two biblical texts relevant to the foundation of practices on behalf of the deceased: 2Maccabees 12:43-45 and Luke 16:19-31. These texts expand the Jewish understanding presented in the OT and introduce the Pauline perspective on the importance of interceding for those who have passed through death. Finally, this paper analyzes the central pericope of this study, addressing the prayer found in 2Timothy 1:15-18, and the Christian witness of Onesiphorus, marked by his faithfulness to the apostle during his lifetime. This faithfulness motivates Paul’s supplication that, on the Day of Judgment, his friend may receive the reward of the righteous.

Keywords:

2Timothy, prayer, deceased, Paul, Onesiphorus, Timothy.

Resumen

El estudio analiza la fundamentación teológica paulina de la oración por los difuntos a la luz de 2Timoteo 1,15-18. En esta perícopa, el “Apóstol de los Gentiles” (Rom 11,13; 1Tim 2,7) destaca la fidelidad de Onésiforo, presentándolo como modelo para el joven Timoteo. Además, se observa una súplica significativa de Pablo a Dios en favor de su antiguo compañero de misión, lo que indica una creencia en la recompensa divina para aquellos que sirvieron y apoyaron el ministerio cristiano. El estudio también investiga la dimensión escatológica implícita en esta oración paulina y su relación con la tradición de la Iglesia primitiva, subrayando la comprensión de una justa recompensa concedida por el Señor a quienes perseveran en la fe, ayudan a los necesitados y sirven a los hermanos. Se destacan los principales aspectos teológicos del texto, así como los puntos debatidos por la crítica textual. Se discuten los principios culturales e históricos, tanto paganos como judíos, que influyeron en la comprensión cristiana de la vida después de la muerte. Considerando las consecuencias de las actitudes individuales a lo largo de la vida, se examinan dos textos bíblicos relevantes para fundamentar las prácticas en favor de los difuntos: 2Macabeus 12,43-45 y Lucas 16,19-31. Estos textos amplían la comprensión judía presentada en el Antiguo Testamento e introducen la perspectiva paulina sobre la importancia de interceder por quienes han pasado por la muerte. Por último, se analiza la perícopa central de este estudio, abordando la oración presente en 2Timoteo 1,15-18, y el testimonio cristiano de Onésiforo, marcado por su fidelidad al apóstol durante su vida. Esta fidelidad motiva la súplica de Pablo para que, en el día del juicio, su amigo reciba la recompensa de los justos.

Palabras clave:

2Timoteo, oración, muertos, Pablo, Onesíforo, Timoteo.

Introducción

Muito se pode discutir sobre as consequências que cada ser humano experimenta ao longo da vida, segundo suas escolhas, tanto as mais evidentes quanto as menos, além das próprias possibilidades de crescimento pessoal. A respeito do que acontece com o ser humano após a morte, filósofos debatem há muito tempo suas perspectivas, sem chegarem a explicações satisfatórias para tal questionamento. Na antiguidade grega, destaca-se o diálogo Fédon (Platão, 1972), no qual, às vésperas da morte de Sócrates, esse notável mestre discute com seus seguidores a imortalidade da alma e a continuidade da existência após a morte. Entretanto, diferentemente da perspectiva judaico-cristã, essa narrativa apresenta uma visão do homem enquanto espírito “encarcerado” no seu corpo.

Em todo Antigo Testamento, apesar da ideia de imortalidade da alma após a morte, o que serviria como sustento para a crença na continuidade da vida humana de outro modo, são raríssimas afirmações que sustentam a ressurreição enquanto possibilidade, seja para justos, seja para injustos. Flávio Josefo (2022a, p. 193-194; 2022b, p. 889), historiador judeu do século I d.C. empreende uma importante discussão sobre isso e buscou compreender como isso se desdobrou no judaísmo daquele período. Dentre as principais correntes do período, fariseus acreditavam na ressurreição dos justos e em uma forma de retribuição post mortem, enquanto saduceus negavam completamente essa ideia. Essêniros acreditavam na imortalidade da alma, mas não necessariamente na ressurreição corporal.

2Timóteo é uma carta que revela um autor em idade avançada, propondo-se a transmitir a um de seus mais caros sucessores mais um pouco daquilo que verdadeiramente lhe foi confiado por Deus (2Tm 1,13-14) e, anteriormente, já revelara, em alguma medida, a seu destinatário (2Tm 1,4-5). No versículo 15, início da seção em estudo, Paulo não faz qualquer imperativo a Timóteo, como é visto com frequência nesta carta; contudo, no versículo 15, antes da aparente súplica a Deus, vista nos versículos 16-18, o apóstolo expressa que alguns de seus colaboradores não corresponderam à sua expectativa, deixando sua companhia. É quase consensual que aqueles companheiros que não mais acompanham Paulo estão na Ásia. Em meio à evidente solidão da prisão (v.16), o apóstolo escreve a Timóteo, retomando alguns episódios que comprovam a fidelidade de um companheiro de missão em especial: Ὀνησίφορος (Onesíforo).

No texto em estudo, não se sabe exatamente qual foi o fato ocorrido na Ásia que levou Paulo a ser abandonado, o que, como o autor esclarece no princípio, já é de conhecimento de Timóteo. A partir dessas circunstâncias pessoalmente adversas, o apóstolo apresenta uma breve oração de súplica a Deus pelo amigo, alguém que lhe deu provas de sua fidelidade e confiança, seja por guardar e desempenhar os ensinamentos que aprendeu com o líder durante as missões, seja por testemunhar o carinho com sua presença amiga, demonstrando que não se envergonhava de buscar visitar Paulo na prisão.

Em geral, os comentadores da carta paulina não apresentam dúvidas de que Onesíforo já não estava vivo quando o autor escreveu a Segunda Carta a Timóteo (Plummer, 1891; Kelly, 1963). Desse modo, é de suma importância discorrer sobre as palavras do apóstolo e investigar o teor das suas súplicas escatológicas pelo antigo colaborador no ministério. O que se observa, então, é que o apóstolo é bastante claro ao falar com Timóteo no início dessa segunda carta a ele dirigida. Em breves palavras: “Não se envergonhe do Evangelho, nem de mim, prisioneiro de Cristo” (v.8), “pois alguns se envergonharam” (v.15), “mas não Onesíforo” (vv.16-17). Em suma, o apóstolo exorta ao seu destinatário, indicando: “Segui este exemplo!”.

Apresentação e estudo da perícope 2Timóteo 1,15-18

Segmentação e tradução de 2Timóteo 1,15-18

Pode-se observar em 2Timóteo, um dos textos do *corpus paulinum* (Gonzaga, 2017, 2019, 2025), que Paulo tem profundo amor, mas estava insatisfeito com seu discípulo, exortando-o a recordar-se do dom que recebeu da imposição de suas mãos (2Tm 1,6) e a dedicar-se mais no ministério (2Tm 1,7). Assim, a prisão de Paulo é motivo para revelar ao companheiro seu sofrimento, mas também que Deus o tem sustentado (2Tm 1,8-9). O apóstolo está encarcerado e, no projeto global da carta, visa-se levar ao reconhecimento da autoridade paulina da tradição (Fabris, 1992). Compreende-se que a divisão em versículos apresentada no quadro a seguir, com segmentação e tradução, além da possível subdivisão destes, condiz com a proposta deste estudo: observar a fundamentação bíblico-teológica da perícope paulina proposta a respeito da prece paulina pelos falecidos.

Quadro: texto grego, segmentação e tradução de 2Timóteo 1,15-18

Οἶδας τοῦτο, ὅτι ἀπεστράφησάν με πάντες οἱ ἐν τῇ Ασίᾳ,	v.15a	Sabes isto, que se afastaram de mim todos que estão na Ásia,
ῶν ἐστιν Φύγελος καὶ Ἐρμογένης.	v.15b	dentre os quais estão Fígelo e Hermógenes.
Δώῃ ἔλεος ὁ κύριος τῷ Ὄντσιφόρου οἴκῳ·	v.16a	Conceda o Senhor misericórdia à casa de Onesíforo,
ὅτι πολλάκις με ἀνέψυξεν,	v.16b	porque muitas vezes me reanimou,
καὶ τὴν ἄλυσίν μου οὐκ ἐπαισχύνθη,	v.16c	e de minha prisão não teve vergonha,
ἀλλὰ γενόμενος ἐν Ῥώμῃ,	v.17a	mas, chegando em Roma,
σπουδαίως ἐζήτησέν με	v.17b	com dedicação me procurou
καὶ εὗρεν –	v.17c	e encontrou —
δώῃ αὐτῷ ὁ κύριος	v.18a	conceda a ele, o Senhor,
εὐρεῖν ἔλεος παρὰ κυρίου ἐν ἐκείνῃ τῇ ἡμέρᾳ	v.18b	encontrar a misericórdia da parte do Senhor naquele dia
– καὶ ὅσα ἐν Ἐφέσῳ διηκόνησεν,	v.18c	— e quantos serviços em Éfeso prestou,
βέλτιον σὺ γινώσκεις.	v.18d	tu o sabes bem.

Tabela 1. Texto grego, segmentação e tradução de 2Timóteo 1,15-18

Fonte: texto grego da NA28; tabela e tradução dos autores.

Comentário bíblico

Fabris observa que, ao apresentar certa parêncese autobiográfica, o discurso epistolar revela seu caráter de autenticidade paulina, enquadrando-se nos esquemas e módulos da pseudoepigrafia (Brown, 2012). Mesmo não pertencendo ao grupo das protopaulinas, as chamadas “cartas pastorais” são reconhecidas como canônicas, reveladas, inspiradas inerrantes, seja qual for o questionamento autoral que enfrentaram, se de Paulo ou da escola paulina. Sobre 2Timóteo 1,15, Fabris diz que “o apelo à experiência do interlocutor serve para personalizar o recurso e transformá-lo num caso exemplar, negativo ou positivo. Também a generalização ‘todos que estão na Ásia’ enquadra-se no estilo do gênero parenético” (Fabris, 1992, p. 318).

É importante destacar que, no contexto das cartas pastorais, Wild (2018) chama a atenção para o uso do mesmo verbo ἀποστρέφω, em 2Timóteo 1,15, ao falar do afastamento de antigos companheiros de Paulo, e em Tito 1,14, nesse caso, claramente indicando “o ‘abandono’ como apostasia. Provavelmente isso ocorreu quando a notícia de que Paulo estava preso chegou a Éfeso” (Wild, 2018, p. 651). A respeito de Figelo, que teria abandonado Paulo, não se encontram outros registros sobre qualquer outro momento durante a missão paulina. Hermógenes também aparece no livro apócrifo *Atos de Paulo*, como um seguidor de Paulo, que, embora muito amado pelo apóstolo, foi descrito como cheio de vaidade e mero bajulador de Paulo, como se também o amasse (James, 1983), o que muito corrobora com a hipótese apresentada por Wild (2018).

Segundo Murphy-O’Connor (2015, p. 368), “em 2Timóteo, há claros indícios de que Paulo não estava satisfeito com o desempenho de seu discípulo [...]. Ele não estava fazendo o trabalho de evangelista; não estava cumprindo seu ministério (4,5)”. Em 2Timóteo 1,16a, a perícope se inicia com o uso de δῷη (3ª pessoa do singular do verbo δίδωμι no tempo aoristo do modo optativo), que volta no versículo 18a, o qual reflete o profundo desejo humano de Paulo, unido à expectativa cristã de ter seu pedido atendido por Deus. O apóstolo manifesta em breves palavras que acredita ser eficaz a súplica por outrem, de modo especial, alguém que, segundo Fee (2011), parece já ter falecido, o que é corroborado pela nova menção que será feita à família de Onesíforo na despedida em 2Timóteo 4,19 (“Ἀσπασαὶ Πρίσκαν καὶ Ἀκύλαν καὶ τὸν Ὄνησιφόρου οἶκον”/“Saúda Prisca e Áquila e a casa de Onesíforo”).

O fato de Paulo começar sua recordação sobre Onesíforo dessa forma — pedindo misericórdia presente para sua casa — e, ao final (v.18b), pedir misericórdia futura (naquele dia) para o próprio Onesíforo, sugere fortemente que Onesíforo havia morrido nesse meio-tempo. Se for assim, isso só poderia ter aumentado a dor e a solidão atuais de Paulo. Mas a memória de Onesíforo permanece. (Fee, 2011, p. 233)

Numa cultura onde a prisão significava um “autossustento”, ou seja, o prisioneiro na maioria das vezes ficava por conta própria, Onesíforo teria se arriscado visitando alguém que estava sendo considerado um criminoso perigoso. Kelly afirma que a expressão “δῷη ἔλεος ὁ κύριος”/“que o Senhor lhe conceda misericórdia” (v.16a) aparece apenas nessa passagem do Novo Testamento, o que nos chama a atenção para o texto dentre as demais paulinas. O verbo “ἀνέψυξεν/reanimar” (v.16b), relacionado com o substantivo “ἀναψυξεως/reanimação”, revela um auxílio de Onesíforo além do âmbito material ou com serviços práticos, mas por meio de sua proximidade e comunhão com Paulo. Aquele que visitou o apóstolo foi capaz de confortá-lo, como irmão e amigo de caminhada, e se envergonhar de suas correntes, um momento humilhante e constrangedor aos olhos humanos, agravado pelo distanciamento de muitos outros companheiros (Kelly, 1963).

Estando imerso na sociedade greco-romana, o local principal em que Paulo vivia e pregava era a “οἶκος/casa”, da qual muitos diziam que dependia a estabilidade da cidade-estado, a unidade básica dessa sociedade. De acordo com Towner (2008, p. 204): “A casa consistia em membros da família mais próxima e normalmente ampliava-se para incluir escravos, libertos, servos e trabalhadores e, às vezes, até sócios e arrendatários comerciais”. Paulo fez diversas associações à casa para explicar termos e conceitos relacionados à Igreja e vemos muitas referências às casas seculares nas cartas paulinas, das quais, a casa de Onesíforo, no versículo 16a.

1Tm 3,15 descreve a Igreja de Éfeso como “casa de Deus” (οἶκος Θεοῦ). Em vez de se referir a um edifício ou lugar de encontro, aqui Paulo recorre ao conceito da casa como unidade social formada de vários membros, todos responsáveis perante os outros [...]. Este tema volta a ocorrer em 2Tm 2,20-21, onde a Igreja é comparada a uma “casa grande” (μεγάλη οἰκία) na qual há não somente vasos valiosos, mas também vasos comuns. (Towner, 2008, p. 204)

O direcionamento da súplica a Deus pela casa de Onesíforo, ou seja, a todos que com ele vivenciaram a fé através do ministério paulino, corrobora com a ideia de que Onesíforo já não estava vivo, ou, pelo menos, essa seria a compreensão de Paulo nesse momento de redação (Plummer, 1891). O apóstolo, então, retoma a súplica do versículo 16a no versículo 18ab, agora, então, desejando que o Senhor lhe conceda misericórdia “ἐν ἐκείνῃ τῇ ἡμέρᾳ”/“naquele dia”. Assim como

o autor menciona no versículo 12, vê-se no versículo 18b a mesma expressão, provavelmente, refere-se à segunda vinda de Cristo e à implicação de que Onesíforo já havia morrido. Apesar de tudo isso, Fee (2011) é cauteloso em afirmar a fundamentação da doutrina cristã da oração pelos mortos nesse texto, haja vista a oração de intercessão feita por Paulo em Efésios 1,17 (“ἴνα ὁ θεὸς τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ, ὁ πατὴρ τῆς δόξης, δώῃ ὑμῖν πνεῦμα σοφίας καὶ ἀποκαλύψεως ἐν ἐπιγνώσει αὐτοῦ”/“a fim de que o Deus de Nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, conceda-vos o Espírito de sabedoria e manifeste o seu conhecimento”) (Fee, 2011).

Na oração que se segue, no versículo 18, Kelly observa que o verbo “εὑρεῖν”/“encontrar” ecoa conscientemente o “εὗρεν”/“encontrou”, mesmo verbo em grego, presente no versículo 17. Essa frase, com seu repetido κύριος, soa estranha, especialmente em inglês, no qual a ausência do artigo definido antes do segundo não pode ser destacada. Segundo ele, a construção pode ser um hebraísmo, como na versão veterotestamentária da LXX, em Gênesis 19, 24, em que “ο κύριος”/“o Senhor” está denotando Deus em ambos os casos.

No entanto, aqui no texto neotestamentário de 2Timóteo 1,15-18, é mais provável que ὁ κύριος se refira a Cristo, estando em harmonia com o uso das Pastorais sobretudo, em 2Timóteo 2,8.16, e “κυρίου/do Senhor”, para Deus, a quem Paulo, em outro lugar (por exemplo, Rm 2,5 e 3,6), representa como exercendo julgamento e que, nas Pastorais, é regularmente descrito como Salvador. Isso é corroborado pela prática da LXX de usar “κύριος”/“Senhor” sem o artigo para “Deus”. Segundo Jeremias, é muito possível que as duas fórmulas tenham sido confundidas: “Conceda o Senhor misericórdia” e “Encontrar a misericórdia da parte do Senhor” (Kelly, 1963, p. 170).

Crítica textual

Segundo o aparato crítico da Nestle-Aland 28, esta perícope contém algumas variações textuais, ou seja, diferenças entre os antigos manuscritos gregos que transmitem essa carta. As testemunhas citadas de forma consistente e com frequência para a Segunda Carta a Timóteo, conforme a introdução da NA28 são: Ψ -; , (01) ; A (02), C (04), D (06), F (010), G (012), H (015), I (016), K (018), L (020), P (025), Ψ (044), 048; 33, 81, 104, 365, 630, 1175, 1241, 1505, 1506, 1739, 1881, 1 249, 1 846. Em 2Timóteo 1,17, a palavra grega “σπουδαίως” é substituída pelo termo “σπουδαιότερον” (σπουδαιοτερως, A 365). Essa palavra é um comparativo que vem de “σπουδαῖος”, que significa “zeloso” ou “dedicado” e aparece, desse modo, em variadas testemunhas: Códice Alexandrino (A), Códice Beza (D¹, com correção), *Mosquensis* (K), *Angelicus* (L), *Athous Lavrensis* (Ψ), 365, 630, 1241, 1505, texto majoritário Μ e versão siríaca heracleana (sy^h). E o Comitê Central da NA28 se baseia nos seguintes manuscritos para sustentar a leitura σπουδαίως (txt): Códice Sinaítico , (x) Códice *Ephraeimi Syri Rescriptus* (C), *Boreelianus* (F), *Boernerianus* (G), *Porphyrianus* (P), 6, 33, 81, 104, 1175, 1739, 1881, versões latinas antigas (Itálica, Vulgata) (latt), versão siríaca palestinense (sy^p), versão copta (saídica/boárica) (co), e versão de Orígenes (Or).

O sufixo “-τερον” indica certa comparação, algo como “mais zeloso”. No entanto, observa-se uma variante no manuscrito do Códice Alexandrino e do minúsculo 365: em vez de σπουδαιότερον (forma adjetiva), traz σπουδαιοτέρως, que seria uma forma adverbial, significando “mais diligentemente”. Ambas significam praticamente a mesma coisa nesse contexto. Contudo, a crítica textual analisa qual dessas formas foi mais provavelmente a original, ou seja, o que seria mais próximo do que Paulo realmente teria escrito. De acordo com a probabilidade do escriba alterar, é possível dizer que σπουδαιότερον (adjetivo comparativo) parece uma construção um pouco mais difícil ou menos esperada do que a leitura adverbial σπουδαιοτέρως. Logo, os escribas poderiam ter “corrigido” σπουδαιότερον para a adverbial mais natural no grego comum, especialmente depois do verbo “ἐζήτησεν”/“ele procurou”; sendo *lectio corrigenda*, é desaconselhável como leitura original (Gonzaga, 2015).

De acordo com o estilo paulino, sabe-se que Paulo costuma usar formas adjetivas como advérbios em contextos semelhantes, o que apoia σπουδαιότερον como uma escolha intencional. Por exemplo, em Filipenses 2,28 (“Σπουδαιότερον οὖν ἐπεμψα αὐτόν”/“Portanto, o enviei com maior diligência”), sendo que σπουδαῖος (“diligente”) é um adjetivo comparativo (σπουδαιότερος) e, no acusativo neutro, pode funcionar como advérbio (“mais

diligentemente”, “com mais empenho”); em 1Coríntios 9,17 (“εἰ γὰρ ἐκουσίως τοῦτο πράσσω”/“pois se faço isso voluntariamente...”; “ἐκούσιος”/“voluntário”), é adverbializado em “ἐκουσίως”/“de forma voluntária”.

Outro princípio-chave da crítica textual que nos auxilia na determinação da forma verbal que deve corresponder mais fielmente ao texto dos manuscritos mais próximos da escrita original é a dificuldade de leitura. No caso, a leitura mais difícil é provavelmente a mais original (*lectio difficilior potior*) (Gonzaga, 2015), porque esribas tendem a suavizar ou “corrigir” um texto difícil, não o contrário. Assim, σπουδαιότερον seria mais “estranho” do ponto de vista gramatical, por isso pode ser a forma original, com σπουδαιοτέρως surgindo como um “ajuste”.

Por fim, o aparato crítico apresenta um sucinto acréscimo no versículo 18c: “μοι”/“a mim”. Não se observa esse acréscimo no texto da NA28 provavelmente porque apenas aparece em testemunhas menos relevantes: 104, 365, (629), versões latinas antigas (Vetus Latina)(it); Vulgata Clementina (Vg^{cl}), e Siríaca (Sy). Com o uso dele após o verbo “διηκόνησεν”/“prestou”, pode-se enfatizar a recordação que Paulo faz quanto ao serviço de Onesíforo diretamente a ele, enquanto o apóstolo esteve em Éfeso. Embora relevante, tal adição não é estritamente necessária, haja visto tudo que o apóstolo já discorreu nos versículos anteriores da perícope sobre a solicitude do antigo colaborador.

A concepção pré-cristã sobre a vida após a morte

Para a filosofia de Sócrates, a morte não é algo ruim porque liberta a alma do corpo e assim se encontra com a pura sabedoria (Platão, 1972). Segundo ele, aqueles que viveram uma vida má, pouco virtuosa, são castigados com a reencarnação da sua alma num corpo animal para se purificarem. Entretanto, outros receberão um destino mais feliz e agradável: aqueles que viveram de modo mais adequado, pela prática esforçada da temperança e da justiça. E, ainda, receberá um destino melhor aquele que é “amigo do saber”, pois alcançará a “realidade” divina (Platão, 1972). Bettencourt (1958, p. 27) afirma que: “Como já o verificavam Platão e Aristóteles, é, portanto, na contemplação e na fruição da Divindade que consiste no fim último e a suprema felicidade do homem”.

Conforme McKenzie (2018), ao observar as evidências internas do texto bíblico do Antigo Testamento, é possível concluir que a perspectiva de vida após a morte não estava presente nos escritos israelitas mais antigos, aproximando-se assim das crenças mesopotâmicas e cananeias, por exemplo, mas distanciando-se das crenças egípcias. A existência de literatura e túmulos egípcios muito bem preservados deixa clara a concepção religiosa de uma continuação da existência humana além da vida terrena de algum modo. Entretanto, não se encontra compatibilidade plausível desse ideal egípcio com as mais básicas crenças israelitas, visto que “a vida após a morte egípcia não é um mundo dominado pela presença e vontade divina pessoal, mas é na verdade um mundo totalmente secularizado” (McKenzie, 2018, p. 1444), o que destoa, por exemplo, do pedido do salmista para estar junto de Deus por toda a vida no Salmo 27,4: אָזְהָרָה מְאֹתָה יְהָוָה שָׁאַלְתִּי אֶת־יְהָוָה בְּבָנָה כְּבוֹד־יְהָוָה בְּבָנָה כְּבוֹד־יְהָוָה. Uma coisa peço a YHWH e a procuro: é habitar na casa de IHWH todos os dias de minha vida, para gozar a doçura de IHWH e meditar no seu templo”.

No que diz respeito aos povos mesopotâmicos o fim da vida é observado sem qualquer relevância moral ou religiosa, encarando a morte com grande pessimismo. O “Aralu” mesopotâmico consistiria numa grande sepultura de corpos inertes, sem esperança, que não difere muito do ”Xeol”/”אָלָשׁ” (Jó 17,13; Is 14,9; Ez 31,16; 32,21; 32,27; Sl 49,14; Pr 9,18), que é como uma negação da sobrevivência, pois o bem e o mal da vida se encerram nesse lugar. Dado que, na visão mesopotâmica, a morte seria condição imposta pelos deuses, os quais reservam para si mesmos a vida e fazem com que as pessoas devam gozar apenas dos prazeres terrenos, essa perspectiva difere do pensamento israelita, pois neste evidencia-se que “o alimento da vida não é negado por ciúme, mas por causa de uma falta moral (Gn 2–3)” (McKenzie, 2018, p. 1444-1445).

De acordo com o saltério da Bíblia hebraica, é possível entender que a morte do homem é fruto do pecado, enquanto um mal moral. O Salmo 49, por exemplo, aborda aspectos sobre o êxito e a prosperidade dos ímpios, sinalizando a morte como destino comum de sábios e tolos. O autor do Salmo 49,15 afirma: אֶאָתָה יְהָוָה אֱלֹהִים - מֵאֶיךָ נִפְשֵׁר יְפָדֵה אֱלֹהִים - אֶאָתָה יְהָוָה. A “אֶאָתָה”/“resgatará” (que é “resgatar”/”יִקְרַב” “resgatar”/”יִקְרַב” no qual imperfeito) é possível perceber que o salmista aponta

para uma vida futura com Deus. Agostinho (1997) comenta a respeito dessa esperança para o futuro, porém não como a expectativa terrena de muitos. Nessa vida, de fato, conta-se com trabalho, angústias, tribulação, tentação; desse modo, não se deve esperar algo além dos bens vindouros.

O salmista, no Salmo 73,24, afirma: *כִּי־בְּזַרְחָךְ תַּגְנִין־בְּעַצְמָךְ* Com“/”*תַּקְרִיבָךְ* teu conselho me guias e, depois, me receberás com honras”. Este sinaliza o destino feliz almejado com grande confiança pelo salmista junto de Deus, visto que o autor utiliza *me*“/”*תַּקְרִיבָךְ*“ receberás” (verbo „receber“/”*תַּקְרִיבָךְ*“ acolher” no qal imperfeito). Entretanto, não necessariamente essa referência estaria apontando para a vida após a morte, mas sim para a experiência desejada pelo autor: estar no templo na presença de Deus. O que atesta essa interpretação é o contraste entre o versículo 27, no qual o salmista aponta para o perecimento dos que se afastam de Deus, e a intimidade e confiança de quem adora e realiza sacrifícios, com o uso de „proximidade“/”*קָרְבָּה*“ estar junto” (subst. fem. singular, no constructo), um termo técnico para acesso ao lugar reservado aos sacerdotes no espaço sagrado (Kselman e Barré, 2018).

Os escritos Antiguidades Judaicas e Guerra dos Judeus, de Flávio Josefo (37-100 d.C.), historiador judeu do século I d.C., abordam com bastante clareza as doutrinas sobre a vida após a morte difundidas pelas principais seitas do judaísmo de sua época: fariseus, saduceus e essênios. Josefo (2022b, p. 193) afirma que os fariseus atribuem tudo ao destino ou providência e a Deus, sendo que “todas as almas são incorruptíveis; mas que as almas de homens bons são apenas removidas para outros corpos, mas as almas dos homens maus estão sujeitas ao castigo eterno”.

Eles também acreditam que as almas têm um vigor imortal nelas; que sob a terra haverá recompensas ou punições, conforme eles viverem virtuosa ou viciosamente nesta vida; e que os últimos serão detidos em uma prisão eterna, mas os primeiros terão poder para viver e reviver novamente. (Josefo, 2022a, p. 888)

A respeito dos saduceus, Josefo é categórico ao afirmar que retiram qualquer ideia de destino, supondo que Deus nem ao menos se preocupa com o que o homem faz de bem ou mal, cada um deve agir como bem entender. Dessa forma, “eles também tiram a crença da duração imortal da alma, as punições e recompensas no Hades” (Josefo, 2022b, p. 194). Para os saduceus, “as almas morrem com os corpos; não consideram a observação de nada além do que a lei ordena, pois pensam que é um exemplo de virtude disputar com os professores de filosofia com que convivem” (Josefo, 2022a, p. 889). Já os essênios defendem que os “corpos são corruptíveis, e que a matéria de que são feitos não é permanente; mas que as almas são imortais e continuam para sempre; e que elas vêm do ar mais sutil, e são unidas a seus corpos como em prisões” (Josefo, 2022b, p. 192). Isso muito mais os aproxima dos gregos do que a futura visão do cristianismo.

A doutrina dos essênios é esta: que todas as coisas são mais bem atribuídas a Deus. Eles ensinam a imortalidade das almas e estimam que as recompensas da justiça devem ser sinceramente obtidas por esforço; quando eles enviam o que dedicaram a Deus para o templo, não oferecem sacrifícios, porque têm ilustrações mais puras de seus próprios; por isso, são excluídos do pátio comum do templo, mas oferecem eles próprios os seus sacrifícios. (Josefo, 2022a, p. 889)

Portanto, podemos afirmar que os judeus tiveram por grande tempo a forte influência dessas três seitas de filosofia peculiares, que apareceram tanto nos Sinóticos como em Atos dos Apóstolos discordando da fé cristã que era pregada pelos apóstolos. Nos Sinóticos, contatam-se os saduceus expondo sua intenção e questionando a crença na ressurreição no caso da mulher que foi esposa de sete maridos (sete irmãos), mas sendo respondidos por Jesus com firmeza (Mt 22,23-33; Mc 12,18-27; Lc 20,27-40). Em At 23, vê-se o julgamento de Paulo perante o Sinédrio, e ele discursa aos fariseus e aos saduceus recordando sua origem farisaica e afirmando sua crença na ressurreição, o que foi causa de inúmeras discussões entre os presentes (At 23,6-10). Por fim, perante o governador Félix, mais uma vez, Paulo confirma sua crença na lei e sua fé na ressurreição de justos e injustos (At 24,14-15).

É possível conferir ainda vários lutos na Bíblia, normalmente até o sétimo dia, recordando o sétimo dia da criação, como dia de descanso (Gn 2,3), inclusive com orações e jejuns, mas não como o de Rispa, o qual, de fato, é de resistência, protesto e pedido de justiça pelos filhos barbaramente assassinados por obra do rei Davi (2Sm 3,7-8 e 21,1-14). Nos

livros canônicos do Antigo Testamento, há o exemplo de José, que faz luto pela morte de seu pai, o patriarca Jacó, por sete dias (Gn 50,10); do enterro e sepultamento de Saul, com jejum de sete dias (1Sm 31,13); de igual maneira nos livros deutero-canônicos, nos quais se afirma que o luto por um morto dura sete dias (Eccl 22,13); do choro e luto pela morte de Judith, por sete dias (Jt 16,24); pede luto, sacrifícios e oração pelo eterno repouso dos falecidos (2Mc 12,20-23); fala da mãe que acredita receber a vida de seus sete filhos assassinados barbaramente (2Mc 7,20-23; Jr 15,9); que a vidas dos justos está nas mãos de Deus (Sb 2,1-20).

Igualmente no Novo Testamento, em Hebreus 11,35, lê-se que a mulher recebe a ressurreição de seus mortos, como ela acreditava e esperava, tal como se observa em 2Timóteo 1,16-18, em que se lê que Paulo reza pelo repouso de seu fiel amigo falecido, Onesíforo, para “que o Senhor lhe conceda achar misericórdia junto ao Senhor, naquele dia” (v.18). Por isso, é muito importante observar também algumas passagens que corroboram a visão cristã quanto à importância da oração pelos falecidos.

A importância da oração pelos mortos no Antigo e no Novo Testamentos

Purificação dos pecados dos mortos (2Mc 12,43-45)

A remissão de pecados por meio de um rito sacrificial era prática essencial na Lei de Moisés. No livro do Levítico, observa-se que Deus teria instituído a necessidade do sacrifício cruento, com derramamento de sangue para o alcance da purificação da vida. Segundo Martens (2012), em Levítico 16,30, o autor sagrado utiliza com frequência o termo „expiar“/„טָהַר“ “limpar”, numa metáfora para expressar a remoção do pecado no בְּיֹם dia“/”בְּפָרָא: da expiação”, pois o pecado é como uma impureza ou uma mancha na vida do homem. Este era o dia em que o sumo sacerdote oferecia sacrifícios para a purificação do povo e deveria ser unido a jejuns e orações (Lv 16,29-30; 23,27-28; Nm 29,7-11). Em Levítico 17,11, Houston (2012) afirma que o sangue é compreendido como “vida da carne” ou “vida do corpo”; logo, o ser humano tinha um dever de restituir sua “dívida” com Deus por meio do sacrifício cruento. Nesse sentido, ele diz que “O sentido parece ser que o sangue representa o dom divino da vida, que, nas circunstâncias apropriadas, deve ser devolvido àquele que o concedeu, o qual pode usá-lo misericordiosamente para o benefício humano. No entanto, os seres humanos jamais devem se apropriar dele” (Houston, 2012, p. 60).

Em 2Macabeus 12, 43-45, destaca-se a figura de Judas Macabeu, líder militar judaico do séc. II a.C., que assumiu tal liderança após a morte de seu pai, Matatias; foi o responsável pelo comando da revolta dos Macabeus contra a dominação selêucida e uma imposição da cultura helenística sobre o povo judeu em 167 a.C. (1Mc 3,1-9). Desde o princípio, Judas é apresentado como fiel observante da Lei. Após a profanação do Templo, Judas e seu exército reconquistaram Jerusalém e purificaram o espaço sagrado de toda ação selêucida (1Mc 4,36-59).

De acordo com 2Maccabeus 12,38-42, após a batalha contra o governador da Idumeia, os judeus se purificaram para celebrar o sábado e, no dia seguinte, ao recolherem os corpos dos guerreiros falecidos na batalha, constataram uma prática absolutamente contrária à Lei de Moisés (Ex 20,4-5): por baixo das vestes dos soldados, havia objetos consagrados aos ídolos de Jâmnia. Segundo McEleney (2018), as narrativas de 1Macabeus 5,55-68 e 2Macabeus 12,32-45 estão interligadas: a partir da primeira, observa-se que os comandantes de Judas (José e Azarias) lhe desobedeceram por suposta valentia e foram derrotados, sendo perseguidos por Górgias, o que explica o lugar do confronto e a queda de cerca de dois mil homens do povo de Israel.

Nessa passagem, Judas faz uma coleta para oferecer sacrifícios pelos soldados falecidos, acreditando na ressurreição e na possibilidade de expiação dos pecados após a morte. McEleney (2018) afirma que, nessa períope, o autor sagrado retoma a crença na ressurreição que expressou em 2Macabeus 7,11, no martírio dos sete irmãos, em que sua fidelidade a Deus atesta sua profissão de fé na vida eterna. Em 2Macabeus 12, embora Judas possa ter desejado apenas que os vivos não fossem punidos pela associação aos pecadores caídos, pois a ira de Deus incidia sobre estes, segundo McEleney, a Judas é atribuída essa crença na ressurreição do justo.

Ele vê a ação de Judas como uma evidência de que aqueles que morreram piamente podem ser libertos dos pecados não expiados que impedem a concretização de uma alegre ressurreição. Assim, essas doutrinas, vagamente reformuladas, contêm a essência do que se tornaria (com extensa precisão) o ensino teológico católico-romano sobre o purgatório. (McEleney, 2018, p. 881).

Portanto, em 2Macabeus 12,43, o autor utiliza o verbo “προσαγαγεῖν” (2ª pessoa do aoristo ativo “προσάγω”/“oferecer, apresentar”) na perspectiva de restituir a pureza daqueles que morreram. Assim como Paulo ora por Onesíforo em 2Timóteo 1,16-18, para que encontre misericórdia no dia do julgamento de Deus, Judas demonstra preocupação espiritual pelos que já partiram. Isso nos ajuda a reforçar a mentalidade cristã de rezar e interceder durante a vida, fazendo ainda penitências para que os mortos, recebendo uma justa recompensa de Deus, sejam salvos.

Justa retribuição post mortem em Lucas 16,19-31 (parábola do rico e Lázaro)

Nesta parábola lucana, sugere-se um estado intermediário após a morte, no qual as almas aguardariam um julgamento póstumo. Duas parábolas marcam Lucas 16: a parábola do administrador desonesto (vv.1-9) e a parábola do rico e Lázaro (vv.19-31). Assim, observa-se um convite a uma decisão dos discípulos entre ser livres da riqueza em favor dos pobres, garantindo seu futuro salvífico, e serem escravizados pelo dinheiro, não servindo verdadeiramente a Deus. O grande perigo da riqueza é demonstrado na perícope final sobre o antes e o depois da morte. Desse modo, é possível conectar esse momento com a preocupação paulina com Onesíforo ao sinalizar para o dia do juízo: “ἐν ἐκείνῃ τῇ ἡμέρᾳ”/“naquele dia” (2Tm 1,18a).

Segundo Dupont, a escatologia individual recebe bastante atenção de Lucas, entendida como destino do indivíduo não apenas no fim dos tempos, mas também no fim da vida (Bovon, 2005). Essa narrativa sobre o rico e Lázaro estaria, então, contrapondo-se à do administrador desonesto (Lc 16,1-8), pois, nesta, Jesus trata de um modo correto de usar o dinheiro e, na parábola que encerra o capítulo, vê-se a consequência imutável de seu mau uso, sendo a morte a delimitação de um ponto crucial para isso (Bovon, 2005). Nessa períope, após a morte, acontece essa mudança de condição, o que diz respeito não apenas à vida do rico e do pobre, mas também à de todos os que se imaginam como justos além dos pecadores e dos coletores de impostos (Tannehill, 1991).

A morte de ambos é a “virada” na narrativa, o ponto de surpreendente inversão da realidade dos personagens anteriormente apresentados, o que é reforçado no diálogo entre o rico e o pai Abraão. O verbo “ἀποθανεῖν”, no versículo 22, é o mesmo utilizado pelo evangelista quando narra a morte da filha de Jairo (Lc 8,42.52.53) e no diálogo de Jesus com os saduceus sobre a ressurreição (Lc 20,28.29.30.33.36). Em Lucas 8, a narrativa revela a mudança na condição da menina após a ação divina e, em Lucas 20, aqueles que interrogavam Jesus questionavam seu ensinamento sobre a ressurreição, passando a concordar com ele depois de ouvi-lo.

Segundo Karris (2018), a referência ao “κόλπον Ἀβραάμ”/“seio de Abraão”, no versículo 22, consistiria apenas na posição preferida quando a pessoa se reclina com Abraão no grande banquete messiânico e, além disso, pela falta de cuidado do rico com Lázaro, não coadunava com os ensinamentos do Antigo Testamento, inclusive com o que Jesus afirmou em Lucas 16,9. Observa-se, no fim da passagem, que permanece uma clara distinção entre um e outro, mas a melhora da condição do pobre já é evidenciada ao leitor.

De acordo com Fabris e Maggioni (2006), o evangelista faz uso de imagens e representações imaginárias já concebidas na tradição bíblica e judaica. Na literatura apocalíptica judaica, já se designam os justos e os ímpios em lugares diferentes em espera da ressurreição do juízo final, e existe essa possibilidade de comunicação, pois estariam frente a frente. De modo especial, o livro apócrifo IV Esdras narra a fossa dos tormentos ante o lugar do refúgio, o inferno diante do paraíso (VII, 36), fazendo a contemplação da felicidade dos justos ampliar o sofrimento da pena dos pecadores (VII, 58) (Fabris e Maggioni, 2006).

O “ἄδη”/“Hades” (v.23) é a nova morada do rico, lugar de tormentos pelo fogo e pela sede, como expresso pelo vocábulo “βασάνοις”. Segundo a obra lucana, esse é o mesmo local para onde serão enviados após o julgamento aqueles

que não se converteram mesmo contemplando os milagres e ouvindo a pregação dos discípulos de Jesus (Lc 10,15); e onde o discurso de Pedro, retomando as palavras de Davi, enfatiza que Deus não abandonou seu Filho (Sl 16,10; At 2,27.31), mas o ressuscitou sem sofrer corrupção.

Aletti (2022) chama a atenção para o uso da palavra “Hades”. De fato, ela seria o equivalente grego do vocábulo hebraico “Sheol”, a morada dos mortos dos escritos bíblicos (por exemplo, Nm 16,33; Dt 32,22; Is 14,9). O autor sagrado do Evangelho de Lucas ajusta seu vocabulário aos leitores, cuja língua é o grego, porém o uso de Hades poderia causar dificuldades ao leitor culto. No Hades da cultura grega, as pessoas não queimam, enquanto o rico da parábola é atormentado numa fornalha, o que o tornaria equivalente à Geena, relatada nos Evangelhos (Mt 5,22.29.30; 10,28; 23,13.33; Mc 9,45,47; 12,8; 13,6). Em Lc 16,26, vê-se a fala de Abraão acerca de um “χάσμα”/“abismo”, que corrobora com a intransponibilidade de pessoas entre os lugares em que se encontram os personagens. Na LXX, o mesmo termo aparece em 2Reis 18,17 e em 2Samuel 18,17 com uma ideia bastante semelhante: “καὶ ἔλαβεν τὸν Αβεσσαλῶν καὶ ἔρριψεν αὐτὸν εἰς χάσμα μέγα ἐν τῷ δρυμῷ”/“E tomou Absalão e lançou-o numa grande cova na floresta”. Nessa passagem, após a morte do jovem Absalão, filho do rei Davi que havia se revoltado contra o pai, lançaram o corpo numa cova no meio da mata. Não há mais vida no corpo de Absalão, suas escolhas foram definitivas e seu destino estava traçado. Esse abismo marca, do mesmo modo, o distanciamento geográfico dos personagens da parábola.

Com a insistência do rico em relação aos familiares, no versículo 30, percebe-se que sua esperança está em ajuda-los a não trilhar o mesmo caminho que ele. Essa esperança não se baseia tanto numa conversão verdadeira, mas na ideia de que, ao ouvirem sobre o destino do irmão, possam mudar suas atitudes para alcançar um final melhor. Entretanto, a fala de Abraão dá ênfase à necessidade urgente da conversão pessoal de cada um, no tempo concedido hoje, desde já. Quando não há verdadeira escuta e adesão ao testemunho sobre Cristo presente nas Escrituras Judaicas, nas palavras de Moisés e dos demais profetas, mesmo os milagres mais espetaculares, como a ressurreição de um morto, não serão suficientes para modificar o destino final de alguém antes da morte (Fabris e Maggioni, 2006).

Em Lucas 12,16, o evangelista também apresentou uma parábola sobre um personagem rico, que, diante da prosperidade da colheita, decide acumular suas riquezas e repousar. No entanto, Jesus exorta os ouvintes da parábola a não agirem assim, considerando a brevidade da vida terrena. Tal ensinamento converge com o desdobramento final de Lucas 16,19-31. Dessa forma, a postura paulina apresentada em 2Timóteo também pode ser entendida como um alerta que o apóstolo dirige a Timóteo. São apresentadas a ele duas posturas: uma que reflete a omissão e o afastamento diante do sofrimento do apóstolo, e outra que exprime a fraternidade e fidelidade a ele.

A finalidade da oração por Onesíforo em 2Timóteo 1,16-18

A oração paulina

No corpus paulinum, podemos observar diversos aspectos que apontam para o sentido da oração. Hunter (2008, p. 890) afirma que: “Para Paulo, a experiência cristã era essencialmente (e incessantemente) um ato de oração [...]. As orações de louvor, invocação, ação de graças, confissão, súplica e intercessão faziam todas partes da rotina cotidiana de Saulo”. É importante dizer que, segundo Hunter (2008), enquanto se escrevia uma carta para outros, era proibido, pelas convenções da redação epistolar antiga, dirigir-se a Deus diretamente. Portanto, o que se encontra nas cartas paulinas são apenas referências ou alusões, além de relatos referentes às orações do apóstolo.

De acordo com a forma das orações paulinas, Hunter (2008) afirma que, desde Harder e Schubert, os estudiosos têm classificado suas partes principais como orações votivas ou relatos de oração. A partir de algumas passagens, esclarecem-se a perspectiva e a intenção paulina, seja pedindo orações, seja suplicando por outrem, como se percebe em 2Timóteo, a exemplo dos relatos de oração.

Relatos de oração

Em 1 Tessalonicenses 1,2, Paulo diz: “εὐχαριστοῦμεν τῷ Θεῷ πάντοτε περὶ πάντων ὑμῶν, μνείαν ποιούμενοι ἐπὶ τῶν προσευχῶν ἡμῶν”/“agradecemos sempre a Deus por todos vocês, fazendo menção em nossas orações”. Após uma breve apresentação, o apóstolo deixa claro que é constante sua ação de graças pelos destinatários da carta, sempre os mencionando diante de Deus. Segundo Barbaglio, no costume judaico, há momentos de prece que perpassam o dia dos judeus piedosos, e essa lembrança constante dos tessalonicenses durante os momentos de oração faz despertar na alma de Paulo esse agradecimento: “Agradecer quer dizer um reconhecimento da iniciativa salvífica do Pai e da sua ação eficaz” (2017, p. 77).

Antes da despedida, observa-se uma importante instrução em 1 Tessalonicenses 5,17: “ἀδιαλείπτως προσεύχεσθε”/“Orai sem cessar”. No trecho de 1 Tessalonicenses 5,16-18, Paulo aborda mais uma vez a relação pessoal dos fiéis com Deus, apelando à alegria, à oração e à ação de graças sem limites. Ou seja, “à atitude de alegria Paulo quer que os tessalonicenses juntem uma experiência contínua de oração e de agradecimento” (Barbaglio, 2017, p. 104). Segundo Collins, Paulo se refere, no versículo 17, ao que é ensinado por Jesus em Lucas 18,1, na introdução da parábola sobre um juiz e uma viúva insistente, que acaba alcançando seu objetivo. O Senhor promete a justiça divina aos que recorrem a Deus com persistência e firmeza na fé; dessa forma, já devemos ser gratos por tudo que Ele já realizou. Portanto, “a ação de graças e a oração estão estreitamente associadas” (Collins, 2018, p. 420).

Em 2 Tessalonicenses 1,3, Paulo reafirma a oração de agradecimento pelo testemunho dos fiéis de Tessalônica. O apóstolo é muito grato por todos aqueles que ouvem o Evangelho pregado por ele e seus colaboradores e o põem em prática com fé e fidelidade. Em 2 Tessalonicenses 1,11-12, é claro o motivo da súplica incessante expressa em ambas as cartas: a iminente vinda de Cristo, juiz final. Desse modo, Paulo deixa claro que a boa vontade dos fiéis não é suficiente para serem considerados dignos diante de Deus, mas é preciso suplicar o apoio da graça ao Senhor, “para que os fiéis possam participar da glorificação do Senhor Jesus no último dia. Relida em profundidade, essa oração sublinha a iniciativa ininterrupta do Pai e do Senhor Jesus na vida dos fiéis” (Barbaglio, 2017, p. 119).

Seus pedidos de oração são tanto diretos como indiretos, e muitas vezes bastante específicos. 2 Tessalonicenses 3,1-2 resume as preocupações mais comumente mencionadas: “De resto, irmãos, orai por nós, a fim de que a palavra do Senhor prossiga o seu curso, seja glorificada como já o é entre vós, e nós escapemos dos homens perversos e malvados; pois nem todos têm fé”. [...] Paulo expressa confiança de escapar ao “perigo” mortal enquanto os fiéis de Corinto ajudam-no com suas orações (2Cor 1,8-11). Efésios 6,19 emite uma nota mais urgente, quando o apóstolo pede a intercessão a fim de “que a palavra seja posta em minha boca para anunciar ousadamente o mistério do Evangelho”. (Hunter, 2008, p. 891)

Diante das circunstâncias que poderiam afligir os filipenses, o apóstolo menciona a volta iminente de Cristo, em Filipenses 4,5, e os chama à vigilância e à preparação para esse encontro: “Μηδὲν μεριμνάτε, ἀλλ’ ἐν παντὶ, τῇ προσευχῇ καὶ τῇ δεήσει, μετὰ εὐχαριστίας, τὰ αἰτήματα ὑμῶν γνωριζέσθω πρὸς τὸν Θεόν”/“Nada vos perturbe, mas em todo momento, pela oração e súplica com ações de graças, apresentai vossos pedidos a Deus” (Fl 4,6). Assim como aparece na pregação de Jesus durante o Sermão da Montanha, Paulo faz uso verbo “μεριμνάω”/“inquietar-se, perturbar-se”; no momento seguinte, deixa claro que Deus está próximo dos que recorrem a Ele. Logo, eles devem crer que as orações e súplicas são verdadeiramente ouvidas pelo Senhor.

Orações votivas

Apesar do estilo variado, segundo Wiles, as cartas paulinas sempre possuem as chamadas “orações votivas”, que consistem em saudações epistolares ou “bênçãos”, que compõem a introdução do apóstolo ou encerram de algum modo seus escritos (Hunter, 2008). Segundo O’Brien (2008, p. 159), “As bênçãos paulinas são afirmações a respeito da graça e da paz de Deus das quais eles já participam e orações(votos) para que apreciem e experimentem essas bênçãos mais plenamente”.

Dentre todos os modos de oração, as votivas se referem indiretamente a Deus utilizando a terceira pessoa do optativo de um verbo grego: “Αὐτὸς δὲ ὁ Θεὸς καὶ Πατὴρ ἡμῶν, καὶ ὁ Κύριος ἡμῶν Ἰησοῦς, κατευθύναι τὴν ὁδὸν ἡμῶν πρὸς ὑμᾶς δὲ, ὁ Κύριος πλεονάσαι, καὶ περισσεύσαι τῇ ἀγάπῃ … εἰς τὸ στηρίξαι ὑμῶν τὰς καρδίας...”/“Queira o mesmo Deus, nosso Pai, e nosso Senhor Jesus dirigir nosso caminho para vós. Que o Senhor faça crescer e abundar o amor que tendes... Que ele fortaleça assim vossos corações...” (1Ts 3,11-13;). Observam-se essas orações votivas de modo similar em diversas outras cartas: Romanos 15,5-6.13; 1Tessalonicenses 5,23-24; 2Tessalonicenses 2,16-17; 3,5.16; assim como em 2Timóteo 1,16.18. Segundo alguns autores, também se subentende um optativo em Romanos 15,33 e outras orações votivas em Romanos 16,20; 1Coríntios 1,8-9; e Filipenses 4,19, utilizando o tempo futuro (Hunter, 2008).

Assim, para alguns, a chamada “maldição” em 1Coríntios 16,22 também poderia ser incluída nessa categoria: “Εἴ τις οὐ φιλεῖ τὸν Κύριον, ἦτορ ἀνάθεμα”/“Se alguém não ama o Senhor, seja anátema”. Hunter (2008) afirma que a AV(KJV) e a NKJV traduzem ainda 2Timóteo 4,14b como oração para a retribuição; entretanto a TEB, que segue os melhores textos gregos, teria o verbo no futuro do indicativo ativo: “ἀποδώσει αὐτῷ ὁ Κύριος κατὰ τὰ ἔργα αὐτοῦ”/“O Senhor lhe retribuirá de acordo com as suas [más] obras”.

O dia final e a confiança na misericórdia divina

Com o testemunho dos Padres da Igreja, comprehende-se que a fé cristã primitiva já acreditava na profunda e válida eficácia da oração pelos mortos, além de defender que os sacrifícios espirituais oferecidos por eles não são feitos em vão. A oração pelos mortos é uma prática ensinada pela Igreja Católica desde o princípio, e está embasada justamente na crença do purgatório, que é um estado de purificação da alma daqueles que morreram na graça e amizade de Deus, entretanto ainda estão imperfeitamente purificados, embora já tenham sua salvação assegurada, e assim passam por uma purificação a fim de conseguir a santidade necessária para entrar na perfeita alegria do céu.

No Catecismo da Igreja Católica, nº 1030, lê-se: “Os que morrem na graça e na amizade de Deus, mas não de todo purificados, embora seguros da sua salvação eterna, sofrem depois da morte uma purificação, a fim de obterem a santidade necessária para entrar na alegria do céu”. A perícope de 2Macabeus 12,43-46 é uma das principais que sustentam essa compreensão, mesmo sendo questionada por muitas denominações cristãs.

Seja nas missas exequiais, seja nos rituais fúnebres, ou mesmo nas menções explícitas das orações eucarísticas de toda eucaristia celebrada etc., as orações da Igreja manifestam o tempo de luto e oração mais intensa pelos defuntos, revelando um antigo caráter judaico do tempo de pranto e luto, como já previsto no Pentateuco. Em Números 20,29, lemos: “Vendo, pois, toda a comunidade que Arão estava morto, choraram por Arão por trinta dias, isto é, toda a casa de Israel”; e em Deuteronômio 34,8: “Os filhos de Israel prantearam Moisés por trinta dias, nas campinas de Moab; então, cumpriram-se os dias do pranto no luto por Moisés”. Sendo sete ou 30 dias, ou em outros períodos, as missas celebradas nessas datas demonstram o mesmo pesar e desejo de honrar a memória dos falecidos, suplicando a misericórdia de Deus por eles antes do dia do juízo final.

O Dia do Senhor é um aspecto comum na literatura profética veterotestamentária, que Paulo encampa e expande em suas cartas. Até onde deduzimos, esse dia foi originalmente concebido como o dia de alegria futura, quando Deus intervirá a favor de seu povo e o salvará da calamidade, corrigindo a injustiça e derrotando os inimigos de Israel [...]. Uma variedade de expressões é usada nas cartas paulinas para o Dia do Senhor escatológico, em especial como ele é usado com referência a Jesus Cristo. (Kreitzer, 2008, p. 466)

Dentre as cartas protopaulinas, destaca-se a súplica apresentada pelo Apóstolo pelos tessalonicenses em 1Tessalonicenses 5,23: “Αὐτὸς δὲ, ὁ Θεὸς τῆς εἰρήνης ἀγιάσαι ὑμᾶς ὀλοτελεῖς· καὶ ὀλόκληρον ὑμῶν τὸ πνεῦμα καὶ ἡ ψυχὴ καὶ τὸ σῶμα, ἀμέμπτως ἐν τῇ παρουσίᾳ τοῦ Κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ, τηρηθείη”/“Que o próprio Deus da paz vos santifique totalmente. E todo vosso espírito, alma e corpo seja preservado irrepreensível para a vinda do nosso Senhor Jesus Cristo”. Além de um conjunto de exortações que motivam a conversão dos destinatários da carta, Paulo

deixa clara sua preocupação com a vinda última do Senhor, visto que “a psyche vai participar da transformação no fim dos tempos” (Chamblin, 2008, p. 1032).

Com a tríade “espírito [pneuma], alma [psyche] e corpo [soma]”, 1Tessalonicenses 5,23 parece dividir a pessoa em três partes. Mas a intenção de Paulo é exatamente o contrário: “Que o Deus... vos santifique totalmente [holoteleis] e que vosso [holokleron] espírito, vossa alma e vosso corpo sejam perfeitamente guardados” na vinda de Cristo. Longe de dividir a pessoa, Paulo expressa a esperança de que os fiéis, pela obra santificadora de Deus, sejam salvos da desintegração e preservados como seres completos (holos). Ele junta os três termos (aqui somente em suas cartas) “para enfatizar, não para definir” (Chamblin, 2008, p. 1027-1028)

Tal como em muitas passagens do *corpus paulinum*, observa-se claramente essa referência ao “Dia do Senhor” em 2Timóteo 1,18b. O apóstolo deixa claro que se deve viver a fé sempre com viva esperança e temor de Deus. Assim, “desde os primeiros tempos, a Igreja honrou a memória dos defuntos e ofereceu sufrágios em seu favor, sobretudo o sacrifício eucarístico, para que, purificados, possam alcançar a visão beatífica de Deus” (Catecismo da Igreja Católica, n. 1032). Incluem-se, nessa perspectiva, as recomendações da Igreja para que se ofereçam práticas como as indulgências e as penitências que possam favorecer aos defuntos. Tudo que o Senhor concede por meio dos que praticam essas obras revela sua misericórdia até o dia final pelos vivos e pelos mortos.

Os atos salvíficos de Deus manifestam a sua misericórdia de maneira consistente e viva. O perdão divino a cada um dos que recorrem a Ele — seja individualmente, seja suplicando em favor de toda a nação — expressa essa misericórdia. “A misericórdia de Deus também tem uma dimensão escatológica, pois da *hesed* de Deus emanará o perdão final e a redenção de seu povo” (Morris, 2008, p. 825). “Paulo encontra misericórdia nas ocupações comuns da vida. Ele implora misericórdia (Gl 6,16), em especial nas saudações (1Tm 1,2; 2Tm 1,2; Tt 1,4). Roga que a família de Onesíforo encontre misericórdia (2Tm 1,16.18)” (Morris, 2008, p. 827). Desse modo, revela em cada carta sua confiança total de que Deus concederá a salvação àqueles que são fiéis a Ele.

A oração por Onesíforo, colaborador fiel

Diversas são as referências geográficas em 2Timóteo, mas apenas cinco delas fazem referência a lugares que Paulo havia percorrido. Desse modo, Timóteo estaria ciente de pelo menos duas, como se lê em 2Timóteo 1,15a.18b: “Sabes isto. Tu o sabes bem”. Partindo dessas falas com certo valor educativo para Timóteo, podemos ver claramente que Paulo não apenas cita o comportamento e abandono dos que estão na Ásia, mas compara essa atitude com a dedicação de Onesíforo expressa pelos serviços em que se doou para auxiliar o apóstolo (Murphy-O’Connor, 2015).

Segundo o apócrifo Atos de Paulo (James, 1983), Onesíforo havia sido um cidadão de Icônio, que, com sua esposa Lectra e filhas, acolheu Paulo em sua casa durante a primeira viagem missionária e teria sido convertido pelo apóstolo. Na mesma obra, o autor narra que, quando Paulo encontra Onesíforo, é saudado por este com profunda reverência e admiração, chamando o de “Servo do Deus bendito”, porém tal situação entre os dois motiva uma atitude invejosa de Hermógenes, citado em 2Timóteo 1,15, e certo Demas, além de uma fala profundamente hipócrita deste (James, 1983).

Para compreender a perícope central aqui em estudo como importante fundamento para a oração pelos falecidos, é preciso atestar que Onesíforo já havia, de fato, falecido. O caráter de oração do Apóstolo limita seus desejos a respeito da recompensa da bondade do amigo para o dia do juízo e, assim, de fato, enfatiza que é muito mais provável e razoável que ele já estava morto. Alfred Plumer (1891) ressalta que, em muitos casos, quando Paulo se refere a alguém nas suas cartas, costuma dizer apenas o nome do indivíduo a quem se dirige. No caso desse amigo, Paulo faz dupla citação da sua família na mesma carta, em 2Timóteo 1,16 e 4,19, e em nenhuma outra passagem isso ocorre com um indivíduo que está vivo. Portanto, Onesíforo de fato já devia estar morto; além de que a menção da expressão “Dia do Senhor” (2Tm 1,18b) indica o dia do juízo do Senhor, de YHWH, como aparece no Antigo Testamento.

Plummer (1891) diz ainda que dificilmente seria possível encontrar outra terminologia para as palavras de Paulo que não seja “oração”. De qualquer maneira, observa-se uma verdadeira oração, seja a Deus Pai, seja a Cristo Jesus, para que, no dia final, o Juiz recorde as boas atitudes de Onesíforo, que o apóstolo não conseguiu retribuir, mas ora para que Deus o faça, mostrando misericórdia para com ele no último dia.

Desse modo, é preciso ter a certeza de que essa perícope paulina pode ser citada como evidência razoável de que a morte de uma pessoa não extingue o direito ou dever de se orar por ela. Aqueles que creem na vida após a morte, tal como Paulo (Rm 8,38-39; 1Cor 15,23; 2Cor 5,1; 1Ts 4,16), devem crer que as orações podem proporcionar a alguém falecido a misericórdia de Deus, na comunhão da Igreja peregrina/militante com a Igreja triunfante. Assim, muitos outros tipos de intercessão pelos mortos podem ser razoáveis e permissíveis até o dia do juízo final.

Fabris (1992) acredita que, nas três cartas chamadas “pastorais”, podemos compreender um aspecto fundamental a respeito da prática do cristianismo: este é um conhecimento da verdade, não de modo abstrato, especulativo, como feito por muitas vãs doutrinas, mas a verdade que coincide com a “sã doutrina”, é um fato histórico, é manifestação do amor gratuito de Deus, tal como anunciado, proclamado e testemunhado pelo apóstolo Paulo e seus colaboradores.

Em correspondência com essa apresentação da ‘verdade’ cristã, também a fé — o termo grego *pistis* aparece 32 vezes nas pastorais — tende a se tornar uma virtude (a “fidelidade”) e, enfim, a coincidir com próprio conteúdo do credo cristão [...]. A esperança tende a sobrepor-se a seu objeto, isto é, a plena realização da vida definitiva ou eterna; ou é substituída pela virtude da “perseverança”, no contexto das provações e tribulações cristãs. (Fabris, 1992, p. 230)

Para Morris (2008, p. 826), “Paulo fala de si mesmo e de seus colaboradores como os que, ‘por misericórdia’, são detentores do ministério (2Cor 4,1) e, assim, não perdem a coragem. A misericórdia de Deus foi-lhes manifestada; portanto, eles devem se dedicar ao serviço de Deus”, como aparece claro na períope dedicada a Onesíforo. Paulo apresenta de modo concreto a virtude da fidelidade na vida e a presença amiga de Onesíforo, e suplica a Deus a misericórdia por ele e todos os que lhe são caros. A fé manifestada pelo apoio ao ministério paulino, sempre ao lado do apóstolo, torna Timóteo um modelo de virtude para a vivência autêntica do cristianismo. Por isso, ele deve estar atento para não se esquecer desse exemplar colaborador do ministério e renovar seu ânimo, a fim de corresponder à tão grande graça que lhe foi confiada.

Conclusão

Ao percorrer as palavras das cartas de Paulo, compreendemos que sua fé vai muito além de um sentimento, uma sensação ou uma ideia plausível: trata-se do anúncio vivo e concreto de Jesus Cristo, o Caminho, a Verdade e a Vida, como afirma o evangelista João (Jo 14,6). Assim como no Antigo Testamento, a narrativa de 2Macabeus 12 já indicava a possibilidade de interceder em favor dos falecidos, seja por meio de sacrifícios de expiação, seja por súplicas dirigidas a Deus por justa retribuição, na Segunda Carta a Timóteo, o autor expressa em suas palavras a fé herdada de todo o antigo Israel: a convicção de que a misericórdia do Senhor é eterna (Sl 103,17), e que nem mesmo a morte é capaz de impedir que alguém seja alcançado por ela.

Na períope de 2Timóteo 1,15-18, não se percebe apenas o desabafo de um mestre aflito, prisioneiro e profundamente ferido pela infidelidade de antigos companheiros, mas também a firmeza de um “pai na fé”, que não desiste de reanimar aquele que já havia conquistado espiritualmente: Timóteo. Não se pode abandonar quem partilha conosco o ministério, mesmo que isso exija reconhecer falhas e relembrar o que foi vivido em comum. Assim agiu Paulo, embora sentindo-se profundamente abandonado, mas oferecendo um testemunho marcante de fidelidade e perseverança, especialmente ao recordar a figura exemplar de Onesíforo.

A análise da passagem sugere que Onesíforo já havia falecido em circunstâncias não explicitadas na carta. Contudo, sua presença constante e suas boas obras jamais foram esquecidas por Paulo. Tão significativa foi sua fidelidade, que o apóstolo dirige uma intensa súplica a Deus, pedindo que lhe conceda misericórdia e lhe abra as portas da vida eterna

no “Dia do Senhor” (2Tm 1,18b) para que ele receba uma justa recompensa, dos justos de Deus, pelo bem que fez no anúncio do Evangelho de Cristo.

Em suma, desde os primórdios, a Igreja cultivou piedosamente a oração pelos falecidos, ainda que essa prática nem sempre estivesse formalmente expressa na liturgia. Por isso, não se deve negar nem a expressão da fé cristã na vida eterna, nem a possibilidade de interceder para que almas necessitadas encontrem o abraço misericordioso de Deus.

Referencias

- Agostinho. (1997). *Comentário aos Salmos*. Paulus. (Coleção Patrística 9/1).
- Aletti, J.-N. (2022). La parabole du riche et du pauvre Lazare (Lc 16,19-31). *Scripta Theologica*, 54, 719–735. <https://doi.org/10.15581/006.54.3.719-735>
- Barbaglio, G. (2017). *As Cartas de Paulo I*. Loyola.
- Bettencourt, D. E. (1958). *A vida que começa com a morte* (2^a ed.). Agir.
- Bíblia de Jerusalém. (2002). (Nova ed. rev. e ampl., 2^a impr.). Paulus.
- Bosch, J. S. (2002). *Escritos Paulinos*. Ave Maria.
- Bovon, F. (2005). *Luke the Theologian* (2^a ed.). Baylor University Press.
- Brown, R. E. (2012). *Introdução ao Novo Testamento*. Paulinas.
- Catecismo da Igreja Católica. (2009). CNBB.
- Chamblin, J. K. (2008). Psicologia. En G. Hawthorne, R. Martin, & D. Reid (Orgs.), *Dicionário de Paulo e suas Cartas* (pp. 1021–1034). Vida Nova; Paulus; Loyola.
- Collins, R. F. (2018). A Primeira Carta aos Tessalonicenses. En R. E. Brown, J. A. Fitzmyer, & R. E. Murphy (Orgs.), *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos* (pp. 409–420). Paulus.
- Ellis, E. E. (2008). Cartas Pastorais. En G. Hawthorne, R. Martin, & D. Reid (Orgs.), *Dicionário de Paulo e suas Cartas* (pp. 181–191). Vida Nova; Paulus; Loyola.
- Fabris, R. (1992). *As cartas de Paulo, III*. Loyola.
- Fabris, R., & Maggioni, B. (2006). *Os Evangelhos II* (4^a ed.). Loyola.
- Fee, G. D. (2011). *1 and 2 Timothy, Titus*. Baker Publishing Group.
- Gonzaga, W. (2015). A Sagrada Escritura, a alma da Sagrada Teologia. En I. Mazzarollo, L. A. Fernandes, & M. de L. Corrêa Lima (Orgs.), *Exegese, teologia e pastoral: Relações, tensões e desafios* (pp. 201–235). PUC-Rio; Academia Cristã.
- Gonzaga, W. (2017). O corpus Paulinum no cânon do Novo Testamento. *Atualidade Teológica*, 21(55), 19–41. <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.29100>

- Gonzaga, W. (2019). *Compêndio do cânon bíblico: Listas bilíngues dos catálogos bíblicos. Antigo Testamento, Novo Testamento e Apócrifos*. EdiPUC-Rio; Vozes.
- Gonzaga, W. (2025). *O cânon bíblico do Novo Testamento*. Letra Capital.
- Houston, W. J. (2012). Alimentos puros e impuros. En D. Alexander & D. Baker (Orgs.), *Diccionario del Antiguo Testamento: Pentateuco* (pp. 55–65). Clie.
- Hunter, W. B. (2008). Oração. En G. Hawthorne, R. Martin, & D. Reid (Orgs.), *Dicionário de Paulo e suas Cartas* (pp. 890–902). Vida Nova; Paulus; Loyola.
- James, M. R. (1983). *Apocryphal New Testament*. Oxford University Press.
- Josefo, F. (2022a). *Antiguidades judaicas*. Livrarias Família Cristã.
- Josefo, F. (2022b). *Guerra dos judeus*. Livrarias Família Cristã.
- Karris, R. (2018). O evangelho segundo Lucas. En R. E. Brown, J. A. Fitzmyer, & R. E. Murphy (Orgs.), *Novo comentário bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos* (pp. 217–308). Paulus.
- Kelly, J. N. (1963). *A commentary on the pastoral epistles*. Harper.
- Kreitzer, L. (2008). Escatologia. En G. Hawthorne, R. Martin, & D. Reid (Orgs.), *Dicionário de Paulo e suas Cartas* (pp. 458–479). Vida Nova; Paulus; Loyola.
- Kselman, J., & Barré, M. (2018). Salmos. En R. E. Brown, J. A. Fitzmyer, & R. E. Murphy (Orgs.), *Novo comentário bíblico São Jerônimo: Antigo Testamento* (pp. 1029–1085). Paulus.
- Martens, E. (2012). Pecado, culpa. En D. Alexander & D. Baker (Orgs.), *Diccionario del Antiguo Testamento: Pentateuco* (pp. 609–622). Clie.
- McEleney, N. (2018). 1 e 2 Macabeus. En R. E. Brown, J. A. Fitzmyer, & R. E. Murphy (Orgs.), *Novo comentário bíblico São Jerônimo: Antigo Testamento* (pp. 835–882). Paulus.
- McKenzie, J. L. (2018). Aspectos do pensamento do Antigo Testamento. En R. E. Brown, J. A. Fitzmyer, & R. E. Murphy (Orgs.), *Novo comentário bíblico São Jerônimo: Antigo Testamento* (pp. 1387–1448). Paulus.
- Morris, L. (2008). Misericórdia. En G. Hawthorne, R. Martin, & D. Reid (Orgs.), *Dicionário de Paulo e suas Cartas* (pp. 890–902). Vida Nova; Paulus; Loyola.
- Murphy-O'Connor, J. (2004). *Paul: His story*. Oxford University Press.
- Murphy-O'Connor, J. (2015). *Paulo: biografia crítica*. Loyola.
- Nestle-Aland (Eds.). (2012). *Novum Testamentum Graece* (28^a ed.). Deutsche Bibelgesellschaft.
- O'Brien, P. T. (2008). Bênção, invocação, doxologia, ação de graças. En G. Hawthorne, R. Martin, & D. Reid (Orgs.), *Dicionário de Paulo e suas Cartas* (pp. 159–163). Vida Nova; Paulus; Loyola.
- Pitta, A. (2019). *Cartas Paulinas*. Vozes.

Platão. (1972). *Diálogos*. Globo S.A.

Plummer, A. (1891). *The pastoral epistles*. Hodder and Stoughton.

Tannehill, R. (1991). *The narrative unity of Luke-Acts*. Fortress Press.

Towner, P. (2008). Casas e códigos domésticos. En G. Hawthorne, R. Martin, & D. Reid (Orgs.), *Dicionário de Paulo e suas Cartas* (pp. 204–207). Vida Nova; Paulus; Loyola.

Wild, R. (2018). As cartas pastorais. En R. E. Brown, J. A. Fitzmyer, & R. E. Murphy (Orgs.), *Novo comentário bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos* (pp. 633–654). Paulus.